

ERUDITOS na terra do rock

ORQUESTRAS, COROS E QUARTETOS DE BRASÍLIA ENFRENTAM A RESISTÊNCIA DO MERCADO E CONQUISTAM UM LUGAR AO SOL

PAULO PANIAGO

Conhecida como uma cidade promissora para novas bandas de rock, Brasília também tem um lado musical com menor divulgação, mas que aos poucos vai dando seu recado: a música erudita. A situação vivida por aqueles que fazem da música erudita uma opção profissional e de vida varia entre a luta constante para criar um público e furar o bloqueio da mídia, eventualmente conseguindo gravar um disco e "tocar" mais gente.

A profissionalização é um passo árduo para se conseguir. O Coral da UnB tem 12 anos de existência e continua amador, mesmo depois de quatro viagens internacionais, todas custeadas pelos próprios integrantes do Coral, que não se recusam a cantar em casamentos, missas, congressos, visando fazer uma "caixinha" que custeie atividades como essas. Dentre as viagens feitas pelo Coral da UnB (México, Espanha, França e Itália) apenas na última participou de um concurso, que aconteceu na França, depois da presença em um festival italiano. Mesmo concorrendo com séculos de tradição européia, o Coral classificou-se entre os finalistas.

Uma série de pequenos conjuntos sobrevive de apresentações eventuais, buscando um lugar ao sol. Mesmo amador, o Coro Sinfônico Comunitário nada tem de pequeno: são cerca de seiscentos integrantes ensaiando sob a regência do maestro David Junker para apresentar-se duas vezes por ano (junho e dezembro). O mais interessante é que o coral é formado por vozes leigas, ou seja, muitos de seus integrantes nunca antes leram partitura ou cantaram com orquestra. O resultado impressiona não só aos ouvintes do lado de cá do Equador: o Coro Sinfônico Comunitário foi convidado para se apresentar no programa de concertos de corais do Carnegie Hall, em Nova Iorque, no ano que vem.

Profissionalização conseguiu o Madrigal de Brasília que, conforme explica o atual regente, Lincoln Andrade, tornou-se pessoa jurídica antes de 1980. O Madrigal é um clássico da cidade. Foi fundado em 63 pelo então diretor da Escola de Música, Levino Ferreira Alcântara. Trata-se de um conjunto pequeno, com no máximo 22 cantores (atualmente possui 19). Lincoln esclarece que o fato de o Madrigal ter se tornado uma "empresa" conferiu maior profissionalismo às atividades, fazendo com que os cantores recebam cachê fixo por apresentação. "Existe uma dicotomia que é preciso ser bem compreendida", diz Lincoln, "porque o Madrigal tem um compro-



O Quarteto de Brasília já lançou um CD, com edição quase esgotada, e planeja gravar clássicos da MPB



O Coro Sinfônico Comunitário, mesmo sendo amador, foi convidado para apresentar-se no Carnegie Hall de Nova Iorque

miso com a Escola de Música, que implica em fazer apresentações de concertos didáticos em diversas escolas. Afinal, todos os integrantes são professores e dedicam parte de sua carga horária ao Madrigal. O outro lado funciona como um suporte profissional".

Esse lado profissional do Madrigal é que permitiu juntar dinheiro dos cachês para custear parte da viagem que agora o conjunto está realizando pelo Chile e pela Argentina para participar de três festivais. Além disso, para comemorar os 30 anos de existência do Madrigal, os cantores conseguiram gravar um CD com 14 faixas, incluindo desde músicas da Renascença até os compositores mais contemporâneos,

"com ênfase nos brasileiros", diz Lincoln.

Ativo — Certamente o mais profissional dos grupos pequenos de Brasília que se dedicam à música erudita é o Quarteto de Brasília, que reúne professores da UnB (o violoncelista Guerra Vicente e a violinista Ludmila Vincka), da Escola de Música (a violista Glesse Collet) e da Orquestra do Teatro Nacional (o violonista Claudio Cohen). O Quarteto existe desde 86 e, além de uma atuante carreira internacional (o último evento de que participou foi o festival *Music Mountain*, nos EUA, que reúne quartetos de cordas em apresentações que duram dois

meses — e o Quarteto de Brasília foi convidado para abrir o festival), também é reconhecido no Brasil. "Seguramente nosso quarteto é o mais ativo do País", diz Guerra Vicente, convicto. E se isso é verdade, essa atividade toda é decorrente do profissionalismo com que realiza suas apresentações.

"Tentamos de tudo para divulgar o Quarteto", conta Guerra, "e agora tenho experiência para dizer que o que funciona melhor é televisão, matérias em jornal e mala direta". Recentemente, o Quarteto fez uma turnê por festivais brasileiros: Itú, São João del Rei, Juiz de Fora, Rio e Niterói e, além de tocar, divulgou o CD lançado pelo selo Comep (da Edições Pauli-

nas). No CD estão lado a lado Villa-Lobos, Dvorak e Ravel. A edição de três mil exemplares já está quase esgotada. E não pára por aí.

O próximo projeto do Quarteto é gravar clássicos da MPB. Para isso, negociaram com Ricardo Vasconcelos para fazer os arranjos de músicas de Lupicínio, Chico, Tom, e, entre outros Pixinguinha. "Quando nos apresentamos em escolas de cidades-satélites vemos que os garotos não conhecem nem mesmo alguns dos clássicos da Música Popular Brasileira", diz Guerra. E estão nos planos do Quarteto também as composições de Bartok, cujos quartetos não possuem gravação. Parece muito, mas Guerra alerta: "Com a mídia privilegiando só o rock, a faixa restante no mercado é muito estreita e só com profissionalismo você consegue se manter na trilha".

Para muitos dos músicos da cidade o caminho a seguir é a Orquestra do Teatro Nacional, que se apresenta regularmente. O spalla (o principal violinista) Moisés Mandel está na orquestra desde sua inauguração. Ficou afastado um período — entre 86 e 91 — por causa de um desentendimento com o maestro Cláudio Santoro, mas evita entrar em detalhes sobre o que aconteceu. Depois que voltou, permanece como músico convidado, sem um

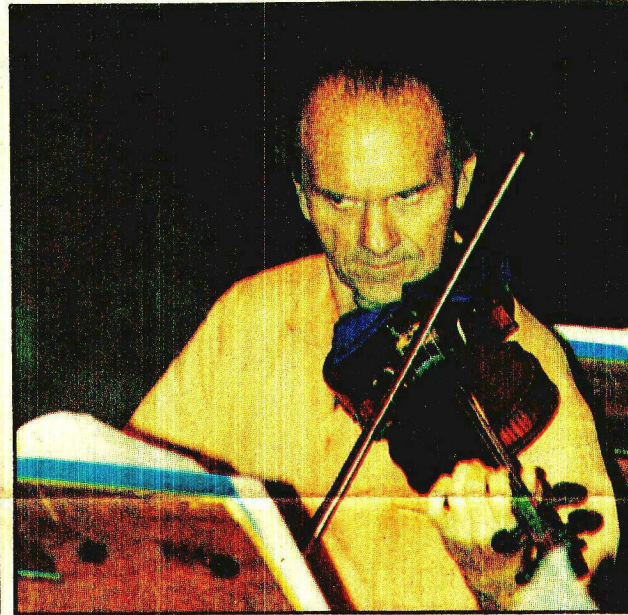
Alan Marques

contrato fixo. Aposentado do cargo de professor pela UnB, Mandel diz não se sentir confortável com a situação. "Já recebi convites para participar de outras orquestras", conta, e apesar de achar Brasília uma cidade muito agradável para se viver, afirma que só recusou por causa da família, toda estruturada aqui.

Maestrina — Diversificar as atividades é quase sempre a saída para

um músico. Mesmo antes de se formar, Glicínia Mendes já regia coros de empresas. Sua primeira experiência à frente de uma orquestra foi com a Orquestra Jovem, com a qual ficou por cinco anos, desde que foi fundada, em 85. No ano seguinte já estava assumindo a Orquestra da Escola de Música, como assistente. No ano passado tornou-se titular e além da regência é responsável por coordenar quatro outras orquestras existentes na Escola de Música.

Como regente do Coro de Câmara, Glicínia aposta na possibilidade de ainda gravar um disco. "O Coro tem um repertório especial e já preparamos a *Missa de São Sebastião*, de Villa-Lobos, que nunca foi gravada. Existem bons estúdios em Brasília, mas sem especialidade para gravações de coros, porque é preciso ter recursos especiais para a captação de tanta variedade de vozes", diz ela.



Moisés Mandel: apresentações regulares com a OSTN